

A REVOLUÇÃO DO PERTENCIMENTO: JUVENTUDE CLIMÁTICA E CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA

DOI: doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1663

Existe uma pergunta urgente atravessando o nosso tempo: quem será capaz de imaginar novos caminhos diante da crise climática? Em meio ao avanço das enchentes, secas extremas, ondas de calor e ao crescimento da ansiedade coletiva sobre o futuro, emerge uma geração que não precisa aceitar o colapso como normalidade. A juventude climática nasce não apenas como reação à emergência ambiental, mas como uma força capaz de reinventar a forma como nos relacionamos com a vida, com as cidades e com a própria Terra.

A crise climática é frequentemente apresentada como um problema técnico, energético ou econômico. Mas talvez sua camada mais profunda seja existencial. A destruição ambiental revela uma humanidade que se desconectou da percepção de pertencimento ao planeta. Como aponta Joanna Macy, vivemos a “dor da separação”: a falsa ideia de que estamos fora da natureza e acima dela. Essa lógica moldou cidades que sufocam rios, criam relações sociais competitivas e modelos de desenvolvimento incapazes de sustentar a vida.

É justamente nesse ponto que a juventude climática se torna revolucionária. Não apenas por

reivindicar políticas públicas ou denunciar injustiças ambientais, mas porque começa a reconstruir imaginários coletivos. Muitos jovens já compreenderam que não basta combater os efeitos da crise; é necessário transformar a visão de mundo que produziu essa realidade. A emergência climática exige uma mudança de consciência.

Nesse contexto, a Ecologia Profunda surge como uma importante inspiração filosófica ao afirmar que todos os seres estão interligados em uma grande teia da vida. A Terra deixa de ser percebida como cenário ou recurso e passa a ser reconhecida como um organismo vivo do qual fazemos parte. Essa percepção fortalece um novo tipo de ação política: uma política baseada no cuidado, na interdependência e na cooperação.

Nego Bispo nos lembra da importância da confluência — “a construção de caminhos comuns sem apagar as diferenças”. Essas visões rompem com a lógica individualista que alimenta tanto a devastação ambiental quanto o esgotamento emocional da sociedade contemporânea.

Por isso, pensar em juventude climática é tam-



Rodrigo D’Almeida

Consultor Independente em Regeneração Socioambiental e Resiliência Comunitária



bém pensar no pertencimento. Jovens que se reconhecem como parte da Terra dificilmente aceitarão passivamente sua destruição. Quando existe vínculo com o território, nasce também a vontade de cuidar, proteger e regenerar. A transformação climática depende não apenas de informação, mas de experiências capazes de despertar conexão, sensibilidade e responsabilidade coletiva.

Nesse processo de reeducação, penso que a cooperação ganha um papel essencial. Em vez de preparar jovens apenas para competir em uma sociedade marcada pela escassez e pelo medo, ela fortalece capacidades de escuta, construção coletiva, liderança circular e inteligência comunitária. Segundo Fábio Brotto, esta conscientização da interdependência como uma característica factual de nossa existência pode nos ajudar a perceber o quanto de cooperação é necessário resgatar, para dar conta das questões que estamos vivendo neste momento, quer seja na sala de aula, no bairro onde moramos, no país em que vivemos, no planeta em que habitamos ou no universo onde existimos. Em um mundo fragmentado, cooperar deixa de ser apenas um valor ético e passa a ser uma condição de sobrevivência planetária.

A juventude possui algo que talvez seja hoje uma das tecnologias mais importantes para o

futuro: a capacidade de imaginar. Imaginar cidades mais verdes, economias regenerativas, relações menos violentas e formas mais equilibradas de coexistir com a natureza. Imaginar novos caminhos é também uma forma de resistência diante de uma cultura que naturaliza o desastre e transforma o medo em paralisia.

Entretanto, nenhuma mudança real acontecerá sem o protagonismo político da juventude. Não basta convidar jovens para eventos simbólicos ou escutá-los superficialmente. É necessário colocá-los no centro dos processos de decisão, criação e transformação territorial. A juventude climática não pode ser apenas um tema de debate; ela precisa ser reconhecida como força estratégica para a construção de futuros regenerativos.

Talvez este seja o maior desafio civilizatório do nosso tempo: sair da lógica da separação para reconstruir uma consciência planetária compartilhada. Compreender que o rio, a floresta, o clima e os corpos humanos fazem parte de uma mesma rede viva. A juventude climática aponta justamente para essa travessia. Não como promessa distante, mas como movimento presente. Uma geração que transforma ansiedade em ação, indignação em criatividade e pertencimento em coragem para reinventar o mundo.

Referências

BROTTO, Fábio Otuzi. Pedagogia da cooperação: jogos cooperativos e educação. Santos: Projeto Cooperação, 2008.

MACY, J.; BROWN, M. Y. Nossa vida como Gaia: práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo. São Paulo: Gaia, 2004.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.